

Bianca Camargo Martins
(Organizadora)

O Essencial da Arquitetura e Urbanismo 3



Atena
Editora

Ano 2019

Bianca Camargo Martins

(Organizadora)

O Essencial da Arquitetura e Urbanismo 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E78 O essencial da arquitetura e urbanismo 3 [recurso eletrônico] /
Organizadora Bianca Camargo Martins. – Ponta Grossa (SP):
Atena Editora, 2019. – (O Essencial da Arquitetura e Urbanismo;
v. 3)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-2654
DOI 10.22533/at.ed.654191704

1. Arquitetura. 2. Planejamento urbano. 3. Urbanismo. I. Martins,
Bianca Camargo. II. Série.

CDD 720

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Nos dias de hoje, é muito discutido o papel social da Arquitetura e do Urbanismo. Por muitos anos, o papel social foi interpretado apenas como a arquitetura específica para as camadas populacionais de menor renda, sem acesso ao mercado formal de moradias – e de arquitetura. Porém, com a crise urbana em que vivemos atualmente, onde grandes parcelas da população não tem acesso às “benesses” do espaço urbano, essa discussão voltou à tona.

Muito mais do que levar a arquitetura para os mais necessitados, devemos reinventar nossa prática profissional para sermos os agentes transformadores da sociedade atual e enfrentarmos os desafios, sociais, políticos e econômicos que estamos vivenciando diariamente em nossas cidades.

Esta edição de “O Essencial de Arquitetura e Urbanismo 2” apresenta experiências das mais diversas áreas da arquitetura e urbanismo, como: arquitetura, ensino, conforto ambiental, paisagismo, preservação do patrimônio cultural, planejamento urbano e tecnologia. Assim, busca trazer ao leitor novos conceitos e novas reflexões para a prática da arquitetura e do urbanismo.

Neste contexto, é abordada desde as metodologias pedagógicas ativas a serem utilizadas no ambiente escolar até a compatibilização de projetos com o uso da Metodologia BIM (Building Information Modeling). A acessibilidade é abordada a partir de diversas perspectivas: desde um edifício isolado até a acessibilidade de uma cidade, evidenciando a importância da discussão nos dias de hoje. Cabe destacar também os estudos de análise de edificações culturais e de cenografia de exposições e performances. A relação da cidade com o seu patrimônio cultural é tratada em diversos capítulos, desde a gestão patrimonial até a utilização de cemitérios como espaços de memória – uma iniciativa prática que demonstra que a arquitetura, assim como a cultura, está em todos os lugares. Dou ênfase também à importância dada ao patrimônio imaterial, tema de extrema relevância e que é, muitas vezes, desvalorizado pelo poder público.

A discussão sobre a dinâmica dos espaços urbanos é extensa e deveras frutífera. Nesta edição, os capítulos focam na importância da arborização urbana para o bem estar da população, na participação popular nas discussões sobre a cidade, na problemática da existência de vazios urbanos em áreas urbanas consolidadas, nas estratégias de *city marketing*, na cidade global e demais temas que comprovam a multiplicidade de questões e formas de análise que envolvem a discussão sobre a vida urbana.

Por fim, são apresentados estudos sobre novas tecnologias e materiais voltados ao desenvolvimento sustentável, especialmente no tocante à gestão de resíduos da construção civil e à mitigação de riscos e desastres.

Convido você a aperfeiçoar seus conhecimentos e refletir com os temas aqui abordados. Boa leitura!

Bianca Camargo Martins

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| PRESERVAÇÃO E RUÍNA UMA BREVE LEITURA DOS PROCESSOS DE TRANSFORMAÇÃO URBANA A PARTIR DO SKYLINE DA CIDADE DE SALVADOR | |
| Ana Licks Almeida Ariadne Moraes Silva Márcia Maria Couto Mello | |
| DOI 10.22533/at.ed.6541917041 | |
| CAPÍTULO 2 | 18 |
| ESTUDO METODOLÓGICO DE REABILITAÇÃO URBANA: A DEFINIÇÃO DE DIRETRIZES E ESTRATÉGIAS PARA CIDADE DE JOINVILLE-SC | |
| Maria Luiza Daniel Bonett Raquel Weiss | |
| DOI 10.22533/at.ed.6541917042 | |
| CAPÍTULO 3 | 39 |
| QUARTA NATUREZA : UMA NOVA PAUTA NO PROJETO DE ARQUITETURA E URBANISMO | |
| Simone Back Prochnow Silvio Belmonte de Abreu Filho | |
| DOI 10.22533/at.ed.6541917043 | |
| CAPÍTULO 4 | 54 |
| ANÁLISE COMPARATIVA SEGUNDO AS DIMENSÕES DA SUSTENTABILIDADE ENTRE A OCUPAÇÃO DAS CHÁCARAS SANTA LUZIA E A PROPOSTA PARA HABITAÇÃO SOCIAL DO GOVERNO DE BRASÍLIA | |
| Julia Cristina Bueno Miranda Liza Maria Souza de Andrade | |
| DOI 10.22533/at.ed.6541917044 | |
| CAPÍTULO 5 | 73 |
| CONFORTO TÉRMICO EM ESPAÇOS ABERTOS: O ESTADO DA ARTE DO <i>UNIVERSAL THERMAL CLIMATE INDEX - UTCI</i> NO BRASIL | |
| Thiago José Vieira Silva Simone Queiroz da Silveira Hirashima | |
| DOI 10.22533/at.ed.6541917045 | |
| CAPÍTULO 6 | 83 |
| PERCEPÇÃO DA ARBORIZAÇÃO URBANA DA CIDADE DE CALÇADO- PE, ATRAVÉS DE REGISTROS FOTOGRÁFICOS DE 1988 AOS DIAS ATUAIS | |
| Raí Vinícius Santos | |
| DOI 10.22533/at.ed.6541917046 | |
| CAPÍTULO 7 | 95 |
| PARQUE MACAMBIRA-ANICUNS: A CIDADE NO URBANO? | |
| Wilton de Araujo Medeiros | |
| DOI 10.22533/at.ed.6541917047 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 8 | 101 |
| VAZIOS URBANOS NA CIDADE: A PRAÇA LEVI COELHO DA ROCHA | |
| Renata Bacelar Teixeira Sidney Diniz Silva Renata Silva Cirino | |
| DOI 10.22533/at.ed.6541917048 | |
| CAPÍTULO 9 | 117 |
| ESPAÇOS LIVRES NO TÉRREO DE UM CORREDOR URBANO | |
| Adilson Costa Macedo Jessica Lorellay Cuscan Guidoti | |
| DOI 10.22533/at.ed.6541917049 | |
| CAPÍTULO 10 | 137 |
| OCUPANDO O CAMPUS: INTERDISCIPLINARIDADE E PRÁTICAS EDUCATIVAS NO ESPAÇO DA CIDADE | |
| Renata Bacelar Teixeira Ednei Soares Talita Queiroga | |
| DOI 10.22533/at.ed.65419170410 | |
| CAPÍTULO 11 | 153 |
| INSURGÊNCIAS URBANAS E FEMININAS COMO PRÁTICAS CORRELATAS PARA RESISTÊNCIA TERRITORIAL | |
| Carolina Guida Cardoso do Carmo | |
| DOI 10.22533/at.ed.65419170411 | |
| CAPÍTULO 12 | 168 |
| PARTICIPAÇÃO E ESPAÇO PÚBLICO: O PROCESSO DE DIÁLOGO SOBRE O “BERLINER MITTE” EM BERLIM | |
| César Henriques Matos e Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.65419170412 | |
| CAPÍTULO 13 | 184 |
| REGULAMENTAÇÃO DAS ZEIS EM FORTALEZA: ASSESSORIA TÉCNICA E MOBILIZAÇÃO POPULAR | |
| Gabriela de Azevedo Marques Marcela Monteiro dos Santos Thais Oliveira Ponte | |
| DOI 10.22533/at.ed.65419170413 | |
| CAPÍTULO 14 | 200 |
| ANÁLISE DAS HABITAÇÕES DE INTERESSE SOCIAL NO MUNICÍPIO DE JUNDIAÍ/SP APÓS A EXTINÇÃO DO BANCO NACIONAL DE HABITAÇÃO (BNH) | |
| Janayna Priscilla Vieira Guimarães Pedro Renan Debiazi | |
| DOI 10.22533/at.ed.65419170414 | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 15 | 208 |
| ACESSIBILIDADE PARA IDOSOS EM ÁREA LIVRE PÚBLICA DE LAZER | |
| Herena Marina Schüler | |
| Jessie Tuani Caetano Cardoso | |
| Isabela Fernandes Andrade | |
| DOI 10.22533/at.ed.65419170415 | |
| CAPÍTULO 16 | 221 |
| A IMPORTÂNCIA DOS ESTUDOS DA ACESSIBILIDADE NOS PLANOS URBANOS E DE MOBILIDADE | |
| Juan Pedro Moreno Delgado | |
| Jamile de Brito Lima | |
| Liniker de Jesus Barbosa | |
| DOI 10.22533/at.ed.65419170416 | |
| CAPÍTULO 17 | 234 |
| INFRAESTRUTURA E MOBILIDADE: ANÁLISE DE TRÊS ESPAÇOS LIVRES DE CIRCULAÇÃO EM SANTA MARIA – RS | |
| Zamara Ritter Balestrin, | |
| Alice Rodrigues Lautert | |
| Luis Guilherme Aita Pippi | |
| DOI 10.22533/at.ed.65419170417 | |
| CAPÍTULO 18 | 252 |
| GERENCIAMENTO DE PROJETOS COMO INSTRUMENTO NA CONSTRUÇÃO DA INFRAESTRUTURA URBANA | |
| Samira Alves dos Santos | |
| Emmanuel Paiva de Andrade | |
| Carina Zamberlan Flores | |
| DOI 10.22533/at.ed.65419170418 | |
| CAPÍTULO 19 | 268 |
| A “CIDADE GLOBAL” E A PRODUÇÃO IMOBILIÁRIA: ANÁLISE DA ATUAÇÃO DO MERCADO IMOBILIÁRIO RESIDENCIAL NO QUADRANTE SUDOESTE DE SÃO PAULO DE 2008 A 2017 | |
| Isabela Baracat de Almeida | |
| Roberto Righi | |
| DOI 10.22533/at.ed.65419170419 | |
| CAPÍTULO 20 | 281 |
| A INOVAÇÃO TECNOLÓGICA COMO ESTRATÉGIA DE CITY MARKETING | |
| Tarciso Binoti Simas | |
| Sônia Le Cocq d’Oliveira | |
| DOI 10.22533/at.ed.65419170420 | |
| CAPÍTULO 21 | 297 |
| A EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA E O DESENVOLVIMENTO DAS CIDADES: O POTENCIAL DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NO GERENCIAMENTO DAS CIDADES CONTEMPORÂNEAS | |
| Roberta Betania Ferreira Squaiella | |
| Roberto Righi | |
| Maria Victoria Marchelli | |
| DOI 10.22533/at.ed.65419170421 | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 22 | 312 |
| NOVOS CONCEITOS X ANTIGOS PROBLEMAS: AS CIDADES INTELIGENTES E A INFORMALIDADE URBANA | |
| Giselle Carvalho Leal Rafael Soares Simão Adriana Marques Rossetto | |
| DOI 10.22533/at.ed.65419170422 | |
| CAPÍTULO 23 | 327 |
| PODERES PÚBLICOS MUNICIPAIS E AEROPORTOS NO ÂMBITO DO PLANEJAMENTO URBANO BRASILEIRO: UM PANORAMA PARCIAL, DE 2006 A 2017 | |
| Paulo Sergio Ramos Pinto Marcos Thadeu Queiroz Magalhães | |
| DOI 10.22533/at.ed.65419170423 | |
| CAPÍTULO 24 | 350 |
| URBANISMO RURAL, UMA UTOPIA NÃO REALIZADA | |
| Giselle Fernandes de Pinho Evandro Ziggianti Monteiro Silvia Aparecida Mikami Gonçalves Pina | |
| DOI 10.22533/at.ed.65419170424 | |
| CAPÍTULO 25 | 366 |
| COMPATIBILIZAÇÃO DE PROJETOS COM METODOLOGIA BIM EM PERSPECTIVA: ESTUDO DE CASO DA APLICAÇÃO EM UM EDIFÍCIO REAL | |
| Eveline Nunes Possignolo Costa Geraldo Donizetti de Paula | |
| DOI 10.22533/at.ed.65419170425 | |
| CAPÍTULO 26 | 374 |
| COMPATIBILIZAÇÃO DE PROJETO DE INSTALAÇÕES: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE O MÉTODO TRADICIONAL (2D) E A FERRAMENTA BIM | |
| Figueiredo, L. L. H., Mariano, L. N. Neto, L. S. C. Resende, L. G. S. | |
| DOI 10.22533/at.ed.6541917042126 | |
| CAPÍTULO 27 | 382 |
| ANÁLISE DAS EQUAÇÕES UTILIZADAS PARA O DIMENSIONAMENTO DO SISTEMA DE TRATAMENTO DE ESGOTO CONFORME NBR 7229 E NBR 13969 | |
| Mario Tachini Abrahão Bernardo Rohden Renan Guimarães Pires Spernau | |
| DOI 10.22533/at.ed.6541917042127 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 28 | 391 |
| DESENVOLVIMENTO DE PLANILHA ELETRÔNICA PARA CÁLCULO DE ISOLAMENTO ACÚSTICO POR VIA AÉREA CONSIDERANDO A ENERGIA LATERAL | |
| Rafaela Benan Zara Paulo Fernando Soares | |
| DOI 10.22533/at.ed.6541917042128 | |
| CAPÍTULO 29 | 405 |
| VALORES DE REFERÊNCIA PARA AS CLASSES DE RUÍDO PREVISTAS NA NORMA NBR 15575 | |
| Brito, A. C. Sales, E. M. Aquilino, M. M. Akutsu, M. | |
| DOI 10.22533/at.ed.6541917042129 | |
| CAPÍTULO 30 | 411 |
| OCORRÊNCIA DE BOLORES EM EDIFICAÇÕES: ESTUDO DE CASO EM HABITAÇÕES CONSTRUÍDAS COM PAREDES DE CONCRETO | |
| Thiago Martin Afonso Adriana Camargo de Brito Maria Akutsu | |
| DOI 10.22533/at.ed.6541917042130 | |
| CAPÍTULO 31 | 426 |
| DESEMPENHO HIGROTÉRMICO DE PAREDES DE FACHADA POR MEIO DE SIMULAÇÃO COMPUTACIONAL – ESTUDOS DE CASO | |
| Alexandre Cordeiro dos Santos Luciana Alves de Oliveira Osmar Hamilton Becere Júlio Cesar Sabatini de Souza | |
| DOI 10.22533/at.ed.6541917042131 | |
| CAPÍTULO 32 | 437 |
| ADIÇÃO DE EVA E VERMICULITA EM ARGAMASSAS DE REVESTIMENTO: ANÁLISE DO DESEMPENHO TÉRMICO | |
| Francisco Ygor Moreira Menezes Sara Jamille Marques de Souza Felipe Fernandes Gonçalves Dielho Mariano Dantas de Moura Cicero Joelson Vieira Silva Robson Arruda dos Santos | |
| DOI 10.22533/at.ed.6541917042132 | |
| CAPÍTULO 33 | 448 |
| ANÁLISE DOS REQUISITOS PARA A IMPLANTAÇÃO DA FILOSOFIA LEAN GREEN CONSTRUCTION EM EDIFICAÇÕES RESIDENCIAIS UNIFAMILIARES DE PEQUENO PORTE | |
| Dayana Silva Moreira Gontijo Jhonvaldo de Carvalho Santana Andreia Alves do Prado | |
| DOI 10.22533/at.ed.6541917042133 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 34 | 462 |
| ANÁLISE DA APLICAÇÃO DO MODELO LEAN CONSTRUCTION EM CANTEIROS DE OBRAS RODOVIÁRIAS: ESTUDO DE CAMPO EM TRECHO DA BR 158 | |
| Taíme da Cruz Oroski José Ilo Pereira Filho | |
| DOI 10.22533/at.ed.6541917042134 | |
| CAPÍTULO 35 | 469 |
| APLICAÇÃO DA METODOLOGIA DE AVALIAÇÃO DE PERDAS E DANOS (D _A LA) NO BAIRRO VILA AMÉRICA NO MUNICÍPIO DE SANTO ANDRÉ | |
| Tazio Guilherme Leme Cavalheiro Viadana Fernando Rocha Nogueira Alex Kenya Abiko | |
| DOI 10.22533/at.ed.6541917042135 | |
| CAPÍTULO 36 | 479 |
| APLICAÇÃO DE CONCRETO PERMEÁVEL PARA A MITIGAÇÃO DE RISCOS DE DESASTRES | |
| Loyane Luma Sousa Xavier Rafaela Cristina Amaral Abrahão Bernardo Rohden Esequiel Fernandes Teixeira Mesquita | |
| DOI 10.22533/at.ed.6541917042136 | |
| CAPÍTULO 37 | 494 |
| ANÁLISE DA VIABILIDADE NA UTILIZAÇÃO DE RESÍDUOS ORIUNDOS DA INDÚSTRIA CALÇADISTA DE FRANCA/SP NA CONFECÇÃO DE BLOCOS DE VEDAÇÃO | |
| Fabiana Andresa da Silva Victor José dos Santos Baldan Javier Mazariegos Pablos | |
| DOI 10.22533/at.ed.6541917042137 | |
| CAPÍTULO 38 | 508 |
| ANÁLISE DOS ÍNDICES FÍSICOS DA CINZA DE RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS E DA AREIA NATURAL | |
| Luana Cechin Marcio Leandro Consul de Oliveira Mariane Arruda Martins Olaf Graupmann | |
| DOI 10.22533/at.ed.6541917042138 | |
| SOBRE A ORGANIZADORA | 516 |

A INOVAÇÃO TECNOLÓGICA COMO ESTRATÉGIA DE CITY MARKETING

Tarciso Binoti Simas

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do Centro
Universitário Augusto Motta – UNISUAM e do
Centro Universitário IBMR
Rio de Janeiro - RJ

Sônia Le Cocq d'Oliveira

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da
Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU/
UFRJ)
Rio de Janeiro - RJ

RESUMO: Desde o final do século XX, a gentrificação se generalizou como uma estratégia de venda da própria cidade como uma mercadoria e muitas administrações municipais vêm diversificando suas estratégias de city marketing. Atualmente, é possível observar a instrumentalização de conceitos em moda no debate sobre inovação tecnológica que neste artigo é apresentado através de revisão da literatura em três fases. A primeira fase explana o encontro entre o debate sobre economia do conhecimento e revitalização urbana resultando em novas operações associadas a parques tecnológicos. A segunda fase trata do modismo da cidade criativa. E a terceira fase, mais recente, explana os desdobramentos do movimento maker. O objetivo é destacar que essa instrumentalização pode impulsionar um “otimismo” nos negócios e promover uma

“cortina de fumaça” sobre problemas sociais e processos de gentrificação.

PALAVRAS-CHAVE: city marketing; gentrificação; sociedade do conhecimento; cidade criativa; movimento maker.

ABSTRACT: Since the late twentieth century, gentrification has been generalized as a strategy to sell the own city as a merchandise and many municipal administrations have been diversifying their city marketing strategies. Nowadays, it is possible to observe the instrumentalization of fashion concepts in technological innovation debate that in this article is presented through literature review in three phases. The first phase explores the meeting between the knowledge economy debate and urban revitalization which resulted in new operations associated with technological parks. The second phase deals with the fad of the creative city. And the third, more recent phase, explains the unfolding of maker culture. The purpose is to highlight that this instrumentalization could boost a “optimism” in business and promote a “smokescreen” over social problems and gentrification process.

KEYWORDS: city marketing; gentrification; knowledge economy; creative city; maker culture.

1 | INTRODUÇÃO

Com a transformação da cadeia produtiva em escala global e a ampliação de uma agenda neoliberal, muitas cidades passaram a disputar pela atração de capital transnacional e de turistas, criando incentivos e oportunidades para grandes negócios imobiliários, turísticos e de entretenimento. Com isso, a cidade é convertida em uma mercadoria, ou nas palavras de Carlos Vainer (2013, p. 83), em “uma mercadoria de luxo, destinada a um grupo de elite de potenciais compradores: capital internacional, *visitantes* e *usuários solváveis*”. Essa postura municipal ficou conhecida como city marketing ou marketing urbano, que pode ser definido como “*una estrategia de promoción y venta cuyo objeto no es otro que la propia ciudad, mercancía que requiere una adecuada combinación de teorización de las apariencias y de un vocabulario debidamente trufado de invocaciones a los valores abstractos del pensamiento políticamente correcto*” (DELGADO, 2010, p. 40).

Neste tratamento da cidade como um negócio, o fenômeno de gentrificação tornou-se cada vez mais observado e desejado por muitos governos municipais. Segundo o geógrafo Neil Smith (2015, p. 261-4), que se dedicou à pesquisa deste fenômeno, desde as décadas de 1950 e 1960, quando escrito por Ruth Glass, a gentrificação passou de um fenômeno local do mercado de moradia para sua generalização nos anos 1990 como uma estratégia urbana neoliberal pelos circuitos globais de capital e circulação cultural. Smith também faz uma interessante analogia para investigação deste fenômeno, comparando-o ao avanço na fronteira de colonização do homem branco sobre o indígena no oeste estadunidense nos séculos XVIII e XIX. Entretanto, o “avanço na fronteira de gentrificação” não é mais um avanço geográfico absolutamente, mas sim um avanço econômico de bancos, promotores imobiliários, cadeias de distribuição, Estado etc. E essa “recolonização” é feita, em geral, pela classe média de cor branca sobre minorias sociais (SMITH, 2012, p. 20-52).

Com isso, as táticas de city marketing passaram a se diversificar, disputando uma certa originalidade, através da incorporação de modismos aos seus discursos cada vez mais sofisticados para ganho de capital simbólico na venda da cidade e avanço na fronteira da gentrificação. Atualmente, é possível observar uma linha de instrumentalização de conceitos em moda no debate sobre inovação tecnológica que neste artigo é apresentado através de revisão da literatura em três fases. A primeira fase explana o encontro do debate sobre economia do conhecimento e de políticas de revitalização urbana desde os anos 1990 em propostas de novos parques tecnológicos em áreas deprimidas de investimento. A segunda fase explana o conceito de cidade criativa desde o início do século XXI. E a terceira fase, mais recente, explana os desdobramentos das ideias oriundas do movimento maker. O objetivo é ressaltar que esta instrumentalização pode, ao contrário de seu discurso politicamente correto, manter um certo modismo, impulsionar um “otimismo” nos negócios e criar uma “cortina de fumaça” para os problemas sociais e o avanço na fronteira da gentrificação.

2 | ECONOMIA DO CONHECIMENTO

A partir da década de 1970, as diversas transformações na cadeia produtiva contribuíram para difusão de ideias sobre a evolução de uma sociedade industrial para uma *economia do conhecimento*. Para Lastres e Cassiolato (2003, p. 3-13), isso se justificaria porque em um mundo tão globalizado o processo de criação e de destruição de conhecimentos aumentou a necessidade de renovar suas competências em um processo dinâmico de aprendizado na geração de novos conhecimentos, diferenciação e competitividade. Entretanto, é preciso considerar também que busca pelo conhecimento é uma reação principalmente de países centrais na geração de renda e de empregos após a fragmentação e dispersão da cadeia produtiva. Pois, entre as décadas de 1970 e 1980, a inovação foi um dos fatores que explicam o manutenção da produção concentrada geograficamente em algumas experiências de países centrais, tais como na Terceira Itália, Baden-Württemberg na Alemanha, Vale do Silício nos Estados Unidos da América (EUA), *Cambridge Area* na Inglaterra, entre outros. Nesses casos, a produção com rápidas inovações tecnológicas, especialização flexível, ganho de capital simbólico e com rendas de monopólio ainda ganhava competitividade frente à produção de baixo custo em países semiperiféricos.

Assim, o debate sobre economia do conhecimento e de aglomeração foi ampliado como estratégia de aumento de competitividade e de desenvolvimento inovativo. Isso despertou tanto o resgate de antigas referências, como o conceito *distrito industrial* do economista Alfred Marshall elaborado no final do século XIX, quanto a multiplicação de novos conceitos e políticas voltadas para a inovação e a concentração geográfica a partir da década de 1990. Um dos conceitos que mais se popularizou internacionalmente e que se tornou quase um sinônimo de economia de aglomeração foi o *cluster*, construído pelo estadunidense Michael Porter, um dos maiores especialistas em estratégia competitiva. E desde então, este conceito ganhou a adesão de diversas economias e de órgãos, tais como a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o Banco Mundial, a Comissão Europeia, o Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (ONU-HABITAT), o grupo C40, o *European Institute for Comparative Urban Research* etc.

Com isso, surgiram também experiências de políticas urbanas associadas a políticas produtivo-inovativas. O parque tecnológico 22@Barcelona foi construído, de acordo com um de seus idealizadores, o economista Joan Trullén (2014, p. 19), a partir dos conceitos de cidade do conhecimento e de distrito industrial italiano. No parque tecnológico Porto Digital em Recife, sua referência intelectual foi o conceito *Triple Helix*, construído pelos sociólogos Henry Etzkowitz e Loet Leydesdorff e difundido no Brasil pelo *Triple Helix Research Group Brazil*, do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal Fluminense. Vale ressaltar que, em 2008, o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior classificou a experiência recifense Porto Digital como um *Arranjo Produtivo Local* (APL).

Além disso, é possível citar outras experiências de parques tecnológicos associados à revitalização urbana, tais como: o *Programa Bicocca*, um parque científico e tecnológico com moradia e comércio em vazios urbanos da cidade de Milão; *Mission Bay*, um cluster de biotecnologia em antiga zona portuária e industrial na cidade de São Francisco; *Greater Philadelphia Innovation Cluster* (GPIChub), um parque tecnológico “verde” em uma base naval desativada na Filadélfia; *Cité Multimédia*, um cluster de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) em antigo pátio ferroviário em Montreal; *Clenatech Innovation Park*, um parque de tecnologias sustentáveis em uma base aérea desativada em Zurique; *Ruta N*, um cluster de energia, saúde e TIC na parte norte da cidade de Medellín; *INO Tomsk-2020*, um cluster com foco em TIC e eletrônica, medicina e biotecnologia, nanotecnologia e novos materiais na cidade de Tomsk na Rússia.

No debate acadêmico, não existe um consenso sobre as vantagens econômicas e de inovação no processo de construção de uma economia de aglomeração. Há aqueles que rejeitam totalmente suas propostas; outros que defendem com maior cautela; e alguns que prestam consultoria como Porter e atualmente alguns dos idealizadores do Porto Digital e do 22@Barcelona.

Em relação à ênfase de políticas locais, o economista Wilson Cano (2012, 25-6) critica que o poder municipal não pode “substituir o Estado na formulação de políticas de desenvolvimento que transcendam esse espaço restrito e que tenham nexos com os objetivos nacionais de uma política de desenvolvimento”. Esta ênfase na “teoria do poder local” é uma estratégia do neoliberalismo que tem atacado profundamente o papel do Estado Nacional e ignorado suas políticas de desenvolvimento e econômica (comando sobre a taxa de juros, câmbio, crédito e fiscalidade necessária). Assim, as prefeituras passaram a ofertar mais infraestruturas e incentivos para atração de empresas, deixando de lado o atendimento das demandas sociais mais urgentes.

Para o economista Carlos Brandão (2012, p. 35-9), trata-se de um novo imperialismo da “partilha dos lugares eleitos” que “necessita” atender as “exigências” da globalização de forma indiscriminada e mecânica. Cria-se um consenso que não há intermediação entre o local e o global, gerando um “pensamento único localista” sem discussão sobre as verdadeiras questões de desenvolvimento. Nesta literatura localista, vai se propagando que “tudo passa a ser uma questão de empreendedorismos e de vontades. Aos trabalhadores, restaria tornar-se patrões, ‘donos de seu próprio negócio’, ou buscar qualificação para melhorar sua empregabilidade” (ibidem, p. 46). E assim se intensifica uma luta de quem vende melhor a cidade tornando-a mais receptiva e atraente aos agentes econômicos mais poderosos, com novos investimentos e incentivos que estão comprometendo as finanças locais.

Muitas das diversas abordagens de *clusters*, sistemas locais de inovação, incubadoras, distritos industriais etc. possuem tal viés. A banalização de definições como “capital social”, redes, “economia solidária e popular”; o abuso na detecção de toda sorte de “empreendedorismos”, voluntariados, talentos pessoais e

coletivos, microiniciativas, “comunidades solidárias”; a crença em que os formatos institucionais ideais para a promoção do desenvolvimento necessariamente passam por parcerias “público-privadas”, baseadas no poder de “governança” das cooperativas, agências, consórcios, comitês etc. criam uma cortina de fumaça nas abordagens do tema. Essa “endogenia exagerada” das localidades crê piamente na capacidade das vontades e iniciativas dos atores de uma comunidade empreendedora e solidária, que tem controle sobre seu destino e procura promover sua *governança* virtuosa lugareira. Classes sociais, oligopólios, hegemonia etc. seriam componentes, forças e características de um passado totalmente superado, ou a ser superado. (BRANDÃO, 2012, p. 38)

Ricardo Moreira (2014, p.101) reconhece que a popularização do conceito de cluster se deve a um certo modismo do *rótulo* ou de uma *marca cluster*. Seguir este modismo aumenta o quociente de capital simbólico e de traços distintivos que, segundo David Harvey (2014a, p. 193), fundamentam melhor as reivindicações de uma singularidade, autenticidade, particularidade e especificidade, promovem a “marca” da cidade e se traduzem em rendas de monopólio. Estas políticas neoliberais canalizam os recursos para “os polos de crescimento ‘empresarial’ mais dinâmicos” alegando que um possível efeito de transbordamento se “encarregaria” de resolver as desigualdades (ibidem, p. 70-1). Mas, como Ermínia Maricato (2013, p. 171-2) destaca, este modismo também está ligado à expansão do mercado de consultoria internacional. Assim, não faltam planos que incorporam conceitos em moda para suprir a lacuna do planejamento modernista, tais como distritos, desenvolvimento endógeno, redes, polos, nós etc.

São propostas que visam, sobretudo, atrair mais investimentos, por meio de movimentos de indução, diante da crise fiscal. Ganha-se mais importância a subjetividade – os cenários, plenos de significados, que visam criar um sentimento genérico positivo, com efeito sinérgico. (...) Aliás, uma das características desse tipo de planejamento é o otimismo: não mencionar os problemas e, se for impossível ignorá-los, destacar o lado positivo, já que constituem sempre oportunidades de mudar o jogo. Insistir nos “problemas” ou em suas causas é uma atitude “catastrófica”, adjetivo frequentemente usado pelo urbanista, ex-prefeito de Curitiba e governador do Paraná, Jaime Lerner. (MARICATO, 2013, p. 172)

Vale destacar que nos anos 1990, em um momento em que muitas cidades já tinham gentrificado suas áreas centrais e portuárias (waterfront), este novo modelo de parque tecnológico permite avançar a fronteira da gentrificação sobre tecidos urbanos com tradição industrial: as zonas industriais obsoletas pelo processo de *desindustrialização*. Tal como no caso 22@Barcelona, onde suas promessas vendiam o parque tecnológico como uma âncora na promoção de uma cidade mais compacta. Entretanto, a operação urbana 22@Barcelona proporcionou grandes negócios imobiliários, considerando ainda o metro quadrado de escritórios mais valorizado que o residencial; e o apagamento de grande parte da memória e identidade industrial, anarquista e sindicalista do bairro Poble Nou. A demolição em série levou ao êxodo de antigos residentes (muitos imigrantes) e de trabalhadores tradicionais. E a estratégia de parque tecnológico conferiu maior capital simbólico à identidade ao bairro, que

se tornou mais atraente a empresas de outras partes da cidade. Em seu relatório de 15 anos, 41% das empresas do 22@Barcelona vieram de fora de Poblenou, sendo que 65% de outro bairro de Barcelona e 24% da Área Metropolitana de Barcelona (AJUNTAMENT DE BARCELONA, 2015, p. 57). Com a transferência de empresas de outras partes da cidade, mais um objetivo da gentrificação foi alcançado: a transferência de riquezas. Assim, o ingresso da classe média aconteceu primeiramente através de empresas e de trabalhadores com alta qualificação.

3 | CIDADE CRIATIVA

A virada para o século XXI também marca intensas transformações. O mundo virtual (internet, smartphone, redes sociais) está modificando as formas de relacionamento e diminuindo a necessidade da proximidade geográfica. As economias centrais e periféricas assumiram novos papéis, como o exemplo da produção industrial asiática que se tornou mais competitiva pelas manobras cambiais, grande mercado interno e baixo custo de mão de obra e de recursos. Assim, conforme Montaner e Muxí (2014, p. 79-82), no século XXI, o Planeta Terra se tornou uma *fábrica planetária*, onde um produto pode ser projetado em cidades globais, nos *focos de decisão*, e produzido a baixo custo e em tempo real, principalmente no oriente, nos *focos de produção*.

Com isso, até mesmo as experiências dos anos 1970 e 1980 de produção industrial concentradas de países centrais não resistiram aos avanços tecnológicos e à competição com países asiáticos, sobretudo a China, a partir dos anos 1990. O professor grego Hadjimichalis (2006) exemplifica o caso dos distritos industriais da Terceira Itália que, apesar de sua tradição, qualidade e design, perdeu competitividade em relação ao custo da mão de obra. Assim, concentra-se na Itália a parte de criação e de negócios, enquanto grande parte da produção é subcontratada em países periféricos (Silva e Cocco, 2006, p. 9). O Vale do Silício é outro exemplo de economia de aglomeração que perdeu parte de sua função industrial, mas manteve a parte mais lucrativa do processo produtivo: a criação. Ali, concentram-se inúmeras empresas especializadas na economia criativa (softwares e redes), tais como Apple, eBay, Facebook, Google etc. E, segundo Paul Krugman e Robin Wells (2015), se tornou também sede de investidores especializados no financiamento de empresas com alta tecnologia. A produção de iPhone exemplifica esta realidade, onde o processo de inovação e marketing é realizado na Califórnia, enquanto sua manufatura é feita na China, onde já dispõe de uma base de fornecedores e de subcontratação.

Nesse contexto, Claudia Seldin (2015, p. 22) chama a atenção em como “a ideia de inovação (...) passou a ser glorificada na entrada do século XXI, mais especificamente sob o mantra da ‘criatividade’ – que, além de acelerar o processo do capital, desperta também novos desejos e necessidades de consumo”. E o “lema da criatividade” junto ao campo da economia é apresentado como um potencial de criação de riqueza e emprego voltados para classe criativa, assim como do desejo pelo status de “cidade

criativa” para “criação de imagens urbanas indicativas de poder” (ibidem, p. 22-3).

O urbanista Richard Florida (2010, p. 48) apresenta este conceito de cidade criativa no início dos anos 2000 como um ambiente urbano que, além de aproveitar da mistura e adensamento de atividades, demonstra respeito à diversidade de gênero, cor e nacionalidade, e promove a inovação tecnológica, uma rica vida cultural e sobretudo a atração de pessoas talentosas. Atualmente, são muitos os adeptos desse modelo de cidade criativa. A Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) inclusive criou em 2004 a Rede de Cidades Criativas (*Creative Cities Network*), atualmente composta por 180 cidades em 72 países.

Entretanto, é preciso ressaltar as desigualdades que esse modelo pode proporcionar tanto em nível global quanto local. De um modo geral, Florida (2010) enaltece, com muito “otimismo”, a criatividade para a salvação de quase todos os problemas. Desde o crescimento econômico até a diminuição na desigualdade de renda pela criação de “bons empregos” para a classe criativa (ibidem, p. 123); aumento de salário e inovação de atividades não-criativas (alimentação, auxiliares de enfermagem, zeladores etc.) (ibidem, p. 128); e geração de “felicidade e bem-estar dos habitantes” (ibidem, p. 130). Ao mesmo tempo, ele faz um discurso extremamente competitivo em que a economia criativa poderia conduzir os países, principalmente os EUA, a voltarem a ser “vencedores” após a crise de 2007, através do mérito de atrair novos talentos, apossar-se de novas tecnologias e manter-se assim soberano perante o restante do mundo. Enquanto isso, outras regiões declinariam pela sua própria culpa, pois elas manteriam “comportamentos e sistemas sociais antigos, tecnologias velhas e, mais importante ainda, instituições, organizações e práticas empresariais ultrapassadas e resistentes à mudança” (ibidem, p. 20-1). Ou seja, propagandeia-se um discurso meritocrático ignorando assim a história de imperialismo e dependência em relação aos países periféricos e semiperiféricos.

Ademais, ele também desconsidera a insustentabilidade do capitalismo financeiro e naturaliza as frequentes crises capitalistas como oportunidades para “boom” inovativo e para o êxodo em nível global de pessoas talentosas. Em suas palavras, “a melhor maneira de ajudar aos mais duramente atingidos pela crise é (...) investir em sua educação e em suas competências e incentivá-los, quando necessário, a se mudar de locais em decadência para outros que lhe ofereçam mais oportunidades” (FLORIDA, 2010. p. 88-9). E apesar da mobilidade de pessoas ser um dos efeitos inevitáveis da globalização, esse discurso reduz o ser humano a apenas uma mão de obra à disposição para migrar entre regiões de interesse do sistema econômico, desvalorizando seus interesses pessoais, laços familiares e comunitários. Ademais, incentiva-se um cenário global insustentável que visa o crescimento ilimitado. Pois, na medida em que se diminuem as possibilidades de reprodução do capital pelo limite da expansão de bolhas de ativos (capital fictício) ou de boom imobiliário, os investidores podem se dispersar para localidades com maior competitividade sem olhar para as desigualdades acirradas deixadas para trás. Seria o que David Harvey (2013, p. 197-

8) chama de “*après moi le déluge!*” (depois de mim o dilúvio), onde cada capitalista trabalha “por seus próprios interesses de curto prazo e impelidos pelas leis coercitivas da concorrência”, sem se importar com a superexploração de recursos naturais e pessoas.

O geógrafo Jamie Peck (2015, p. 54) faz uma extensa crítica a Richard Florida que seria reconhecido por uns como um “guru das cidades-de-moda” e, por outros, desqualificado como um “charlatão da nova economia”. Ele critica que as cidades interessadas em um diagnóstico pormenorizado de sua “saúde criativa” precisam solicitar a *Catalytix* (organização de Richard Florida) por apenas 495 dólares. O passo seguinte seria trazer Richard Florida à cidade desejada por honorários de mais de 5 dígitos. Essa empresa e outras semelhantes oferecem análise, assessoramento particular e colaboração na definição de estratégias locais (ibidem, p. 66-7). E existe também “*mediciones comparativas [de ciudades creativas que] van acompañadas de procesos simultáneos de revalorización simbólica (y financiera) de los activos relativos al ‘clima personal’ y creativos ya existentes*” (ibidem, p. 69). E neste mundo dos negócios, muitas empresas consultoras também fazem o ranking de cidades criativas reposicionando suas cidades clientes.

Em relação às políticas urbanas, Peck (2015, p. 63) critica que o conceito de cidade criativa direcionaria esforços para manter, atrair ou “mimar” o consumista “*homo creativus*”, uma evolução do artista boêmio para um mais refinado que “seria um sujeito atomizado, inclinado a relações intensas, mas superficiais e sem compromisso, mantendo um padrão de consumo e maior utilização da rua”. E, além disso, ele questiona ironicamente “*¿quién va a lavar las camisas en este paraíso creativo?*” se a criatividade salva a tudo e a todos nesse “*Edén Creativo*” (ibidem, p. 83-4). Pois, são ignorados os bastidores dessa cidade criativa compostos pela classe não criativa, com baixos qualificação e salários, realizada em grande número por mulheres que chefiam suas famílias e em países centrais por imigrantes em situação irregular. São pessoas “invisíveis” no discurso da cidade criativa e se possível devem ser cada vez mais segregadas para não prejudicar a imagem da cidade global.

Entretanto, nesta cidade criativa, a implantação de instituições de ensino e de pesquisa podem ser utilizadas na criação de uma nova identidade, com maior valor simbólico e valorização imobiliária. O próprio Florida (2010, p. 93-4) mede o sucesso em diversidade urbana, de inovação (pela concentração de empresas de TIC e biotecnologia) e de alta competitividade da cidade de Toronto graças ao seu alto valor de imóveis, mesmo no período de recessão econômica 2007-2008. A moda do “Vale do Silício”, por exemplo, se tornou uma referência de alta rentabilidade para o mercado imobiliário (ou seja, de gentrificação). A Revista Forbes (2016) não fala somente do sucesso inovativo do Vale do Silício, mas também do sucesso imobiliário em Los Altos na Califórnia, onde o preço médio de venda de moradia é de 2,3 milhões de dólares, enquanto o aluguel de apartamento de um quarto ultrapassa 2 mil dólares por mês. Com isso, a Revista aponta também os centros tecnológicos emergentes como novas

oportunidades de boom imobiliário pela alta concentração de renda.

Para o geógrafo Tom Slater (2015, p. 109), essa febre de cidade criativa de Richard Florida tornou a gentrificação em um sinal economicamente saudável através de sua imagem ligada à última moda, boemia, cool, com grupos de artistas que ocupam cafés e galerias em bairros abandonados, mas “carentes de criatividade”. Pau Rausell (2009, p. 82-3) reforça que cidade criativa é mais um slogan de *city marketing* do que maior transformação real na cidade; que se limita a repetir que Londres, Nova York e Berlin concentram muitas pessoas criativas; e que na discussão acadêmica os espaços mais criativos seriam aqueles sem políticas públicas. Jan Fransen (2012, p. 77-9) alerta que as políticas de cluster em países periféricos, e no caso da “Cidade do Cabo Criativa”, tendem a fortalecer as assimetrias pelas condições desiguais de renda, escolaridade e de negócios internacionais. Isso pode repercutir em uma transformação “limitada a espaços isolados e para poucos privilegiados” e cidades cada vez mais fragmentadas, pois o ideal seria “políticas específicas para o padrão de desenvolvimento econômico das cidades, a fim de criar a transformação inclusiva” (ibidem, p. 106).

Assim, a discussão de economia criativa foi incorporada às estratégias de *city marketing*, alimentando um lucrativo mercado de consultoria internacional e de ranking de cidades criativas. Suas ideias, em grande parte politicamente correta, refinam ainda mais o discurso de venda da cidade. Atualmente, são muitas cidades que utilizam como referência esse modelo de cidade criativa e prometem um novo “Vale do Silício”. E nestes moldes o avanço da fronteira da gentrificação não é feito necessariamente pela nova classe média residente, mas pela classe criativa que exige serviços mais refinados e pode se tornar residente destes territórios antes desvalorizados (ou “carentes” de criatividade).

4 | MOVIMENTO MAKER

Com as recentes evoluções da web 2.0, de softwares sociais (redes sociais, wikis e blogs), de plataformas transmídia etc., emergiu-se um sistema onde as pessoas conectadas passam a compartilhar informações e suas experiências (RAFAEL, 2017, p. 40-5). Estes princípios da era digital de colaboração e compartilhamento avançaram para práticas alternativas de produção: os Fab Labs (*Fabrication Laboratory*; laboratório de fabricação digital); que estão se popularizando e já se encontram disponíveis na escala do usuário doméstico (SPERLING *et al*, 2016, p. 119-20). Com o carro-chefe da impressora 3D, propagandeia-se um novo sistema produtivo horizontal, colaborativo, distributivo, personalizado, com participação coletiva em espaços de domínio público e acesso ao livre conhecimento disponibilizado nas redes globais (NEVES, 2014, p. 39-41).

Esta nova realidade com maior acesso e liberdade de conhecimento, de criação e de produção está sendo intitulada movimento *maker* (fazedores) ou *Do-It-Yourself* (DOY; faça-você-mesmo). Trata-se de uma nova onda de ideias de maior

colaboração entre pessoas, indicação social de favoritos (restaurantes, hotéis, empresas etc.), resolução de problemas sociais e educacionais, construção coletiva e de empreendedorismo. Alguns teóricos (ou futurólogos) anunciam o movimento maker como uma nova revolução industrial, onde comunidades e pessoas comuns poderão criar e produzir seus próprios bens. Mas essa revolução por enquanto ainda não aconteceu, pois mantém-se majoritariamente o modelo de produção tradicional. E embora seja legítimo seus avanços em pesquisa científica e tecnológica, é importante ressaltar sua apropriação em alguns discursos “otimistas”, como se não houvesse informação restrita e privilegiada nem leis coercitivas de concorrência. Pois repete-se muito que, nesse sistema meritocrático, todos se colaborariam mutuamente, com oportunidades iguais, sem desigualdades sociais estruturantes e para se desenvolver basta simplesmente ser criativo e “fazer”.

Nos campos da arquitetura e do urbanismo, este movimento *maker* tem alguns rebatimentos. O urbanista Mike Lydon e sua equipe estão divulgando, em uma série de publicações (atualmente são 05), conceitos sobre *tactical urbanism* (urbanismo tático) e outros semelhantes, tais como *guerilla urbanism* (urbanismo de guerrilha), *pop-up urbanism* (urbanismo pop-up), *city repair* (reparação da cidade) ou *D.I.Y. urbanism* (urbanismo *DIY*), que estão sendo apropriados por “uma nova geração de *citymakers*” (LYDON *et al*, 2012, p. V, 1).

O urbanismo tático é uma abordagem voluntária de construção de cidade que apresenta as seguintes cinco características, algumas delas sobrepostas: uma abordagem voluntária e gradual para instigar a mudança; um processo de criação de ideias para os desafios do planejamento à escala local; um compromisso de curto prazo e de expectativas realistas; uma atividade de baixo risco com a possibilidade gerar recompensas elevadas; e o desenvolvimento de capital social entre cidadãos e a construção de capacidade institucional entre as organizações públicas, privadas, não lucrativas e ONG's e os seus membros. (LYDON *et al*, 2012, p. 1-2)

Este termo tático surgiu da pedestrianização da Times Square em Nova York, quando o departamento de transportes da cidade o citou para referenciar uma intervenção de baixo custo e não totalmente formalizada. Com isso, esta ideia de intervenção tática também foi apropriada pelos *citymakers* para promover soluções criativas, sobretudo mobiliários efêmeros em espaços públicos. Sua metodologia propõe a construção de soluções de forma coletiva, informal e de baixo custo. Após um período de testes, com a aprovação e apropriação da população, o poder municipal poderia formalizá-las com maiores recursos e qualidade (LYDON *et al*, 2012, p. 1-2). Atualmente, essas ideias estão correndo o mundo através de diversos eventos e oficinas com esta abordagem tecnológica, colaborativa e participativa para criação de protótipos principalmente de mobiliário urbano para “ressignificação e reativação de espaços urbanos de uso público e coletivo”, tais como o *Living Innovation Zones*, *Nation of Makers*, *National Week of Making*, *White House Maker Faire*, *Maker Cities*,

Urban Prototyping Festival etc. (PIRES e ERLICH, 2015, p. 5-9).

Por um lado, são divulgados exemplos que de certa forma reivindicam o direito à cidade como a criação de ciclovias, hortas, ruas de lazer, bicicletários e no exemplo de “intervenção de guerrilha” em Baltimore com a pintura não oficial de uma faixa de pedestre que posteriormente foi reconhecida pela administração pública (LYDON *et al*, 2012, p. 1-2). Por outro lado, este mesmo discurso apoia propostas que estão diretamente ligadas ao avanço na fronteira de gentrificação. Neste caso, essas ideias são incentivadas através dos *citymakers* que conferem um charme artístico de criatividade, espontaneidade, intuição e risco. Tratam-se de propostas de “ativar espaços subutilizados” por parques de *food truck* (ibidem, p. 26); “ativar temporariamente áreas de promoção imobiliária futura” denominado por “pré-vitalização de espaços” com usos de mercados, exposições de arte, festivais etc. (ibidem, p. 27); e a reinvenção de “vendedores de rua”, não aos moldes de “camelôs” e ambulantes imigrantes, mas sim em bicicletas customizadas para pessoas que necessitam de uma segunda fonte de rendimento nos segmentos de comida, arte, fotografia e moda (ibidem, p. 38). Em outras palavras, tudo tem que ser sofisticado e “gourmetizado”, pois simplicidade não combina com classe criativa.

Além disso, para Nogueira e Portinari (2016, p. 179-84), o urbanismo tático esbarra em outros pontos que requer maior cautela. Incentiva-se projeto elaborado na hora e no local, sem partida de “uma prancheta de urbanista”. Seus usos são destinados em geral ao lazer e à sociabilidade com construção de mobiliário e ambientação de espaço público realizados pela classe criativa; o que se diferencia de mutirões em áreas negligenciadas pelo Estado, como favelas. A proposta de trabalho coletivo não significa que seja para todos, mas muito provavelmente para a classe criativa que dispõe de tempo para isso. E ao pregar a independência e autonomia ao Estado, desencorajando o engajamento reivindicativo de cobrar melhorias e soluções para os problemas da cidade. E isso é muito conveniente ao neoliberalismo.

Neste caso a patente falência do Estado se torna extremamente oportuna a ele, uma vez que produz um terreno fértil para que ações como esta se desenvolvam e ele se desresponsabilize. Em um momento de estágio avançado do neoliberalismo, em que os governos procuram se eximir ao máximo de suas funções, é bastante conveniente que a sociedade civil cubra suas lacunas. O problema é que a celebração destas iniciativas, purificadas sob a chancela política, obscurece o papel do Estado, tornando-o, por vezes, desnecessário. (NOGUEIRA e PORTINARI, 2016, p. 184)

Entretanto, justamente estas ideias “voluntárias” de construção coletiva e de espontaneidade estão sendo apropriadas pelo poder público e/ou iniciativa privada e convertidas em novas oportunidades de negócios que não necessariamente estão promovendo melhor eficiência da cidade ou maior qualidade de espaço público. A febre de parques de *food trucks* estão “ativando” áreas de estacionamento ou terrenos baldios, mas com uma lógica introspectiva tal como em um shopping center: cercados,

com controle de acesso e dentro de um cenário voltado para o consumo com preços elevados. Assim, instrumentaliza-se uma roupagem coletiva para tais empreendimentos na moda, mas que de fato não é para todos.

Os Fab Labs também estão sendo apropriados em discursos de algumas cidades. Barcelona, através do Conselho da Cidade e de seu *Institut d'Arquitectura Avançada de Catalunya*, junto do *Center for Bits and Atoms* do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT) e do *Fab Foundation*, criaram em 2011 o projeto Fab City; uma rede que conta atualmente 18 cidades (FAB CITY, 2018, p. 4). Neste contexto de competição pela inovação, essa rede de colaboração e investigação tecnológica também lhes confere um certo status. Mas desta vez, estas instituições estão saindo na frente para conceder um possível título de Fab City; em vez da Comissão Europeia no caso da “cidade da cultura” ou da UNESCO na Rede de Cidade Criativas.

Além disso, Barcelona avança seu processo de gentrificação em uma de suas áreas mais estratégicas, entre a cidade “consolidada” e sua praia, o bairro de Poblenou. Esse bairro apresenta muitos terrenos em retenção especulativa e vem recebendo diversos equipamentos e programas inspirados no movimento maker, tais como o Fab Lab Barcelona e o *Poblenou Maker District*. Apesar de seus discursos sedutores, o avanço da gentrificação acontece com ações pontuais, através da instrumentalização da cultura e da inovação tecnológica para construção de uma nova identidade e valorização do solo. De um bairro obreiro e de imigrantes, aos poucos, Poblenou está sendo transformado em um novo bairro de classe média aberto à cultura e de inovações tecnológicas. O outro lado desta moeda é a diminuição de sua população imigrante que vivia em sua maioria em antigas naves industriais e atualmente sobrevive em menor número em poucas *chabolas* (barracos) remanescentes que mesclam uso de moradia e de ferro-velho, conforme Figuras 1 e 2.



Figura 1: Chabola na Carrer del dos de Maig (Fonte própria).



Figura 2 – Chabola na Carrer de Bolívia (Fonte própria).

Um exemplo desta instrumentalização da inovação no Brasil acontece na cidade de Recife. Conforme Figuras 3 e 4, o novo *makerspace* inaugurado no Bairro do Recife pelo Porto Digital em 2016 ocupa o edifício do antigo Cortiço “Convento”, que nos anos 1980 abrigava “moradores e usuários do Bairro, muitos deles aposentados da

‘batalha’ da vida naquele sítio histórico” (PREFEITURA DA CIDADE DO RECIFE, 1989, p. 23). Atualmente, cortiços e prostíbulos já não fazem mais parte da realidade do bairro graças a um silencioso processo de gentrificação. Aos poucos, a valorização do solo levou ao êxodo da população de baixa renda na parte sul do Bairro do Recife. E com uma nova identidade associada à inovação tecnológica, houve ingresso de classe média, agora na figura da classe criativa ou dos *citymakers*. Assim, os novos equipamentos de ponta impulsionam um “otimismo” nos negócios e dão oportunidades à esta classe privilegiada. Ao mesmo tempo, tais campanhas servem para mascarar as desigualdades de Recife; a capital mais desigual do Brasil com crescentes índices de Gini de renda domiciliar per capita: 0,6739 em 1991; 0,6789 em 2000; e 0,6894 em 2010 (IDB, 2017).



Figura 3: Pensão Convento nos anos 1980 (Fonte: Prefeitura da Cidade do Recife, 1989, p. 22).



Figura 4 – Edifício Apolo 235 inaugurado em 2017 (Fonte: Porto Digital, 2017).

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o final do século XX, a gentrificação se generalizou como uma estratégia de muitas administrações municipais para venda da cidade como uma “mercadoria de luxo”. Para se destacar e ganhar rendas de monopólio, as estratégias de city marketing passam por intensa renovação incorporando novos conceitos em moda que, neste artigo, focou no debate sobre inovação tecnológica.

Ainda nos anos 1990, algumas propostas de revitalização de áreas desvalorizadas incorporaram conceitos do então intenso debate sobre economia do conhecimento e de aglomeração como uma estratégia de city marketing para ganho de capital simbólico. Isso resultou em propostas de um novo “modelo” de desenvolvimento urbano através de parque tecnológico. Em outras palavras, trata-se de uma proposta de gentrificação voltada para empresas. Pois a concentração dessas empresas, antes dispersas na cidade, alcança os objetivos da gentrificação: a transferência de riquezas e conseqüentemente valorização do solo. Vale ressaltar que geralmente observa-se maior valorização do metro quadrado de escritório em relação ao residencial. Entretanto,

para a cidade, isso significa a formação de zonas de uso predominantemente produtivo, ou seja, um retrocesso à construção de uma cidade mais compacta.

No século XXI, novas estratégias baseadas em cidade criativa e movimento maker foram incorporadas como estratégias de city marketing. Com discursos cada vez mais sofisticados e sedutores, cultura, criatividade e inovação estão sendo instrumentalizadas para aumentar capital simbólico, valor de troca e fortalecer uma identidade gentrificada. Para os criativos, são oferecidos Fab Labs e seu fascínio de autoprodução. Para a população de baixa renda (imigrantes, favelados, moradores de propstíbulos e cortiços etc.), não são respeitados os direitos humanos mais básicos como a moradia. Aos poucos, essa população “indesejada” é expulsa; sua memória vai sendo “apagada”; e as fronteiras da gentrificação se consolidam, acirrando ainda mais as desigualdades de cidades.

REFERÊNCIAS

AJUNTAMENT DE BARCELONA. Àmbit **Pilot de Superilles. Districte de Sant Martí. Barri del Poblenou - Informe Diagnòstic**. Barcelona: s/e., 2015.

BRANDÃO, C. **Território e desenvolvimento: as múltiplas escalas entre o local e o global**. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

CANO, W. Prefácio. In: BRANDÃO, C. **Território e desenvolvimento: as múltiplas escalas entre o local e o global**. Campinas: Editora da Unicamp, 2012, p. 23-28.

DELGADO, M. **La ciudad mentirosa: Fraude y miseria del ‘Modelo Barcelona’**. S.I., Ed. Catarata, 2010.

FAB CITY. Disponível em <<http://fab.city/whitepaper.pdf>>. Acesso em 04 de março de 2018, às 12 horas.

FLORIDA, R. L. **O grande recomeço: as mudanças no estilo de vida e de trabalho que podem levar à prosperidade pós-crise**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

FORBES (2016). Disponível em <<https://www.forbes.com/sites/navathwal/2015/02/12/5-markets-poised-to-be-the-next-silicon-valley-for-real-estate/#7caba005703e>>. Acesso em 04 de março de 2017, às 12 horas.

FRANSEN, J. Transições urbanas de desequilíbrio. De artesanatos a objetos de decoração na Cidade do Cabo. In: CAVALLAZZI, R. L.; PARAIZO, R. C. (Org.) **Patrimônio, ambiente e sociedade – novos desafios espaciais**. Rio de Janeiro: PROURB, 2012, p. 77-115.

HARVEY, D. **Para entender O capital**. São Paulo: Ed. Boitempo, 2013.

_____. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014a.

IDB (Indicadores e Dados Básicos de Saúde). Disponível em <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/idb2011/b09capc.htm>>. Acesso em 12 de dezembro de 2017, às 11 horas.

KRUGMAN, P. WELLS, R. **Introdução à economia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2015.

- LASTRES, H. M. M.; CASSIOLATO, J. E. **Arranjos produtivos locais: uma nova estratégia de ação para o SEBRAE. Glossário de Arranjos e Sistemas Produtivos e Inovativos Locais.** Rio de Janeiro: SEBRAE, 2003.
- LYDON, M.; BARTMAN, D.; GARCIA, T.; PRESTON, R.; WOULDSTRA, R. **Tactical Urbanism vol. 2: Short-term Action for Long-term Change.** Washington: Island Press, 2012.
- MARICATO, E. As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias: Planejamento urbano no Brasil In: ARANTES, O.; VAINER, C.; MARICATO, E. (Org.). **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos.** Petrópolis: Vozes, 2013, p. 121-192.
- MONTANER, J. M.; MUXÍ, Z. **Arquitetura e política: ensaios para mundos alternativos.** São Paulo: Gustavo Gili, 2014.
- MOREIRA, R. A. **Política de clusters – o conceito de cluster enquanto catalisador do desenvolvimento territorial – as EEC do QREN.** 2014. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- NOGUEIRA, P. C. E.; PORTINARI, D. B. Urbanismo tático e a cidade neoliberal. **Revista Arcos Design.** v. 9, p. 177-188, 2016.
- PECK, J. A vueltas con la clase creativa. In: OBSERVATORIO METROPOLITANO DE MADRID (Org.). **El Mercado contra la ciudad: Sobre globalización, gentrificación y políticas urbanas.** Madrid: Ed. Traficantes de sueños, 2015, p. 53-106.
- PIRES, C. L. L.; ERLICH, M. B. Prototipagem Urbana: reativando espaços públicos através de maratonas colaborativas de fabricação digital. In: **1º Congresso Internacional Espaços Públicos.** 2015, Porto Alegre-RS. Anais do 1º Congresso Internacional Espaços Públicos. Porto Alegre-RS: EDIPUCRS, 2015.
- PREFEITURA DA CIDADE DO RECIFE. **Relatório de Atividades – Memória em Movimento.** Recife: Serviço de Pesquisa e Documentação no Bairro do Recife, 1989.
- RAFAEL, C. D. **A vida exposta nas mídias: um estudo sobre a campanha “A vida de Robson” com identificação na sociedade do espetáculo.** 2017. Monografia (Bacharel em Publicidade e Propaganda) – Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro.
- RAUSELL, P. Las ciudades creativas: hurgando en el slogan. In: MANITO, F. (Org.) **Ciudades Creativas. Volumen 1 – Cultura, territorio, economía y ciudad.** Barcelona: Kreanta, 2009, p. 77-88.
- SELDIN, C. **Da capital de cultura à cidade criativa: resistências a paradigmas urbanos sob a inspiração de Berlim.** 2015. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- SILVA, G.; COCCO, G. **Territórios produtivos: oportunidades e desafios para o desenvolvimento local.** Rio de Janeiro: DP&A; Brasília: Sebrae, 2006.
- SLATER, T. La expulsión de las perspectivas críticas en la investigación sobre gentrificación. In: OBSERVATORIO METROPOLITANO DE MADRID (Org.). **El Mercado contra la ciudad: Sobre globalización, gentrificación y políticas urbanas.** Madrid: Ed. Traficantes de sueños, 2015, p. 107-144.
- SMITH, N. **La nueva frontera urbana: Ciudad revanchista y gentrificación.** Madrid: Ed. Traficantes de Sueños, 2012.
- _____. Nuevo Globalismo y nuevo urbanismo. La gentrificación como estrategia urbana local. In:

OBSERVATORIO METROPOLITANO DE MADRID (Org.). **El Mercado contra la ciudad: Sobre globalización, gentrificación y políticas urbanas**. Madrid: Ed. Traficantes de sueños, 2015, p. 245-273.

SPERLING, D. M.; HERRERA, P. C.; CELANI, M. G. C.; SCHEEREN, R. Fabricação digital na América do Sul: um mapeamento de linhas de ação a partir da arquitetura e urbanismo. In: **XIX Congresso da Sociedade Ibero-americana de Gráfica Digital. 2015**, Florianópolis. Project Information for Interaction. Florianópolis, p. 119-125, 2016.

TRULLÉN, J. The 'Barcelona, City of Knowledge' project and 22@ Barcelona. **Revista Económica de Catalunya**. nº 64, p. 18-26, 2014.

VAINER, C. Pátria, empresa e mercadoria. In: ARANTES, O.; VAINER, C.; MARICATO, E. (Org.). **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 75-104.

SOBRE A ORGANIZADORA

Bianca Camargo Martins - Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Especialista em Arquitetura e Design de Interiores pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná e Mestranda em Planejamento e Governança Pública pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, onde desenvolve uma pesquisa sobre a viabilidade da implantação de habitação de interesse social na área central do Município de Ponta Grossa – PR. Há mais de cinco anos atua na área de planejamento urbano. É membra fundadora da Associação de Preservação do Patrimônio Cultural e Natural (APPAC). Atualmente é docente da Unicesumar, onde é responsável pelas disciplinas de urbanismo, desenho urbano e ateliê de projeto.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-265-4

